

Patas Amigas

Quando os cães se transformam em co-terapeutas



Jéssica Ferrari

Jéssica Fernanda Ferrari

Patas Amigas

Quando os cães se transformam em co-terapeutas

Itu / 2012

ÍNDICE

<i>Introdução.....</i>	<i>5</i>
<i>1 • Raízes fortes e um futuro de esperanças</i>	<i>10</i>
<i>2 • Frasco de saúde em quatro patas</i>	<i>20</i>
<i>3 • Lambida para a vida.....</i>	<i>36</i>
<i>4 • Tina: A bibliotecária que não sabe ler</i>	<i>40</i>
<i>5 • Uma pata por um sorriso</i>	<i>49</i>
<i>6 • Um feriado do cão</i>	<i>66</i>
<i>Sites sugeridos.....</i>	<i>74</i>

INTRODUÇÃO



Vivemos em um mundo rodeado de vida; de várias formas de vida.

No entanto, temos muito ainda o que aprender sobre como respeitá-las. Dividimos um planeta com diversos outros seres, uns com hábitos mais parecidos com os nossos, outros, de uma selvageria admirável. Mas, na história da humanidade, nenhum outro ser se aproximou tanto do homem e de seu modo de vida como o cão.

Esse amigo de quatro patas sofreu uma intensa domesticação ao longo do tempo, que, definitivamente, transformou seus hábitos e modificou o seu papel ao lado das pessoas.

A história do ser humano não pode ser contada de maneira completa sem que seja relacionada aos cachorros, e, hoje, essa afirmação ganha cada vez mais força, uma vez que os benefícios dessa interação estão sendo desvendados cientificamente. As descobertas reforçam ainda mais a lealdade e auxiliam no emprego dos caninos como os “melhores amigos do homem”. E ainda os coloca no

patamar de facilitadores na prevenção e tratamento integrado de doenças e inclusão social.

Um animal de características surpreendentes, o cão é capaz de despertar sentimentos profundos. Sua empatia com as pessoas é tamanha que eles chegam a ocupar papéis como o de filhos dentro das famílias, recebendo tratamento como o de tal. Tanto que os gastos financeiros com eles movimentam milhões no mercado pet nacional e internacional. No Brasil há hoje 35,7 milhões de cães, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Pet (Abinpet). O país é o segundo maior do faturamento do mundo quando se trata desse mercado, perdendo apenas para os Estados Unidos. Em 2011, os brasileiros movimentaram R\$ 12,2 bilhões no segmento pet food, segundo dados da mesma Associação.

Mas essa interação vai além da amizade entre as duas espécies, revelando um amor incondicional dos cães para com os humanos.

Acreditando nisso, há anos profissionais vêm estudando o potencial dessa relação e buscando utilizá-las como um recurso terapêutico e pedagógico, visando a melhora da saúde, educação e bem-estar dos seres humanos.

No Brasil, essa crença também juntou profissionais e instituições em grupos para praticar e pesquisar as técnicas, utilizando os animais como meios de interação e motivação. Mas, diferentemente dos países estrangeiros, o Brasil caminha lentamente para tornar esses métodos opções formais, legalizadas e com benefícios comprovados em larga escala cientificamente.

E foi acreditando nesse potencial dos cachorros, e levantando a bandeira da solidariedade, que diversos profissionais se juntaram a voluntários e levaram para fora das paredes de suas casas seus amigos de quatro patas, para que pudessem compartilhar suas amizades com quem precisa.

Assim, nasceram grupos, projetos e instituições que prestam ajuda a crianças, adultos e idosos com problemas de saúde físicos

e psíquicos. Suas experiências e fé em seus amigos animais os arrastaram para dentro de hospitais, asilos, escolas e instituições de saúde, com o objetivo de levar alegria e distração para quem necessita, buscando o bem-estar e a melhora na qualidade de vida desses pacientes. E o que parece trabalho acaba por ser uma grande recompensa para aqueles que doam seu tempo para a causa.

Hoje, por causa desses humanos de grande coração, muitas pessoas possuem um motivo a mais para sorrir. Os cães co-terapeutas, chamados assim por agirem como facilitadores em conjunto com o profissional, já são realidade no Brasil, e estão fazendo a diferença na vida de muitos brasileiros. Porém, o número de “assistidos”, como são denominados os pacientes ou participantes das técnicas, ainda é pouco para um país tão grande.

Divididas em Terapias Assistidas por Animais (TAA) e Atividades Assistida por Animais (AAA), os métodos em que o bicho é a principal ferramenta de interação já são muito praticados e possuem diversos estudos no exterior.

Em contrapartida, no Brasil, elas ganham uma terceira prática definida como Educação Assistida por Animais (EAA). Os métodos, no entanto, precisam alcançar um patamar de destaque no país, tanto para todos os profissionais da saúde quanto para os assistidos e sociedade em geral, uma vez que as técnicas poderiam se transformar em uma das opções de terapias complementares de saúde do país, entrando na lista de serviços oferecidos pelas instituições e tornado assim a política pública brasileira mais humanizada.

E foi para ajudar a documentar esse cenário de descobertas constantes; divulgar os métodos e objetivos dessas técnicas, bem como relatar os seus benefícios e esforços para que os animais sejam reconhecidos como co-terapeutas, que esse livro-reportagem foi pensado.

Para ressaltar a importância que a Terapia, a Atividade e a Educação Assistida por Animais desenvolvem nos assistidos, e

o potencial que essas técnicas possuem no Brasil, este livro irá abordar seus métodos, objetivos, histórias e benefícios através dos relatos de vida de profissionais, instituições, voluntários, pacientes e animais.

Serão ilustradas, assim, visitas a hospitais, asilos, escolas e instituições de saúde, documentando as ações realizadas por duas instituições do estado de São Paulo: Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais (INATAA) e do Instituto para Atividades, Terapias e Educação Assistida por Animais de Campinas (ATEAC), uma vez que o trabalho das duas organizações é reconhecido por hospitais, instituições asilares e projetos de saúde no Estado de São Paulo.

As duas ONGs ainda possuem formas de contato expostas em redes sociais e sites, e alguns dos seus membros atuantes se disponibilizaram em ajudar na construção do livro-reportagem, cedendo depoimentos, bem como permitiram o acompanhamento de seus trabalhos por meio de visitas e participação em suas ações em prol da saúde do ser humano.

De interesse público, com possibilidade de abordagem ampla e literária – por permitir a construção de enredo e personagens - e por ansiar por um reconhecimento, o tema possui grande potencial jornalístico. Por esse motivo este livro-reportagem foi pensado e produzido. Em um livro a construção da narração não se limita a espaços, admitindo uma abordagem ampla e com linguagem mais atraente aos leitores. Essas características unidas à empatia natural das pessoas para com os cães funcionam como uma boa argamassa para a construção de uma obra jornalística. Uma mistura que se torna um convite ao conhecimento de um mundo ainda desconhecido pela maioria da população brasileira.

Em um cenário ainda em transformação, com indícios de um futuro de crescimento, mas com muitos assuntos para serem

pensados e discutidos, nada melhor que os próprios envolvidos, que atualmente praticam e participam desse trabalho para contar com propriedade suas rotinas, emoções e pensamentos sobre o assunto.

1 • RAÍZES FORTES E UM FUTURO DE ESPERANÇAS



Eles chegam e encontram rostos tristes, cansados da dor física ou psicológica, olhares apagados, há tempo sem expressar um sorriso. Mas quando saem, carregam consigo um sentimento único de paz, deixando para trás um cenário diferente, mais alegre e vívido. Os grupos de Atividades Assistidas por Animais (AAA) possuem a capacidade de entreter, distrair, promover recreação, servindo como uma terapia auxiliar que motiva os pacientes em seus tratamentos de saúde, para que possam obter uma melhora da qualidade de vida. O benefício vem do sentimento de bem-estar causado pela presença dos cães que tiram o foco da doença e ressaltam a empatia dos animais para com os humanos, promovendo uma interação de amizade, apego. Alguns minutos, mas que fazem uma grande diferença para muitas pessoas.

As visitas já são rotinas em hospitais, centros de reabilitação, unidades de saúde, instituições asilares, abrigos e escolas, em cidades espalhadas pelo Brasil.

Há ainda outra técnica que também utiliza os cães como co-terapeutas, mas com objetivos mais específicos: a Terapia Assistida por Animais (TAA). A distinção desta está no acompanhamento do paciente, que diferentemente da Atividade, segue critérios determinados previamente, visitas constantes, monitoramento do quadro clínico e exigência de profissionais como médicos veterinários, psicólogos, psiquiatras, pedagogos, fisioterapeutas e outros no acompanhamento da terapia.

“Ambas são benéficas para quem recebe. A Atividade é considerada mais lúdica, uma condição recreacional, de distração. Por exemplo, o trabalho que nós fazemos nos asilos é uma Atividade, porque qualquer pessoa pode ir lá visitar esses idosos com o cão e vai encabular uma conversa, levar o cachorro para o idoso ter contato e receber os benefícios. É uma atividade mais informal. Já a Terapia é exercida por profissionais da área da saúde, de preferência por uma equipe interdisciplinar e ela via de regra tem um protocolo de trabalho, ou seja, ela tem um por que acontecer. Quando você leva um cachorro para trabalhar com um paciente você tem um objetivo, algo naquele paciente que você quer melhorar, quer reabilitar. Por isso tem o protocolo. Você vai fazer um diagnóstico, uma avaliação, daí você vai trabalhar e depois vai reavaliar e ver a evolução do quadro”, esclarece a psicóloga, adestradora e membro da diretoria do INATAA, Fátima Maria Neves Candido.

Já quando objetivo está na pedagogia, é a Educação Assistida por Animais (EAA) que auxilia o profissional a ensinar, por meio da utilização dos cães. “A EAA é mais um recurso pedagógico de motivação, para incentivar as crianças, tanto as em desenvolvimento, como as com necessidades especiais de educação. Quando você faz a interação com o cão, e você trabalha dentro de uma

escola com uma sala de aula, você já traça junto com a professora um objetivo, para saber o que aquela classe está precisando, qual é a dificuldade de aprendizagem, quais são os problemas de relacionamento, então você já trabalha direcionada”, explica a pedagoga Marisa Martinez Solano. A profissional ainda comenta que a EAA pode ser usada em um projeto, utilizando o cachorro como um motivador, catalisador da proposta.

Apesar de serem realizadas com diversos tipos de animais, como coelhos, cavalos, gatos, porcos, tartarugas e até ratazanas, são os cães que estão em maior número nos grupos de AAA, TAA e EAA no Brasil. “Eles são os mais utilizados porque são ‘uma via de duas mãos’. Conseguem doar e receber o amor, o carinho”, conta a atual presidente da ATEAC, Ylenise Maria Cavaglieri Marcolino. Pesquisas, como a liderada pela bióloga Karine Silva na Universidade do Porto, em Portugal, também constata os cachorros como os animais com maior capacidade de empatia com os humanos, afirmação que torna a relação mais amistosa entre as espécies. A eficiência deles nas técnicas mediadas por animais também está no fato deles aceitarem serem tocados pelos pacientes com mais facilidade que outros bichos, o que ajuda a criar respostas mais positivas nas terapias.

Os amigos de quatro patas já são considerados membros da família e circulam naturalmente em ambientes públicos pelas cidades do país, mas quando surgem em um hospital, mesmo acompanhados de humanos, ainda causam espanto.

“Nossa, cães!”, diz uma funcionária do Hospital de Clínicas da Unicamp ao abrir da porta do elevador. “Sim, e tem mais ainda”, responde sorrindo Andrea Carciofi, responsável pelo voluntariado do grupo ATEAC. Apesar das visitas constantes há mais de um ano no local, os cães co-terapeutas ainda enfrentam rostos desconfiados. Mas como todo bom cão, eles abanam o rabinho e seguem em frente.

A situação não é tão constante, mas ainda acontece durante a rotina dos grupos no Brasil. “Às vezes a pessoa estranha porque não conhece o trabalho. A técnica é muito nova ainda. Por isso nós trabalhamos sempre com uma psicóloga em nosso grupo. Para quando isso acontecer ela explicar sobre os cachorros, que eles são especiais e passam por cuidados especiais também”, conta Ylenise. Mas quando a explicação não é suficiente e a pessoa não aceita a visita do cão, a decisão é acatada com respeito e pesar pela equipe. “Há muita falta de informação sobre o assunto. É aos poucos que conseguimos mudar esse panorama”, alerta Andrea.

Apesar de já possuírem diversos estudos e pesquisas científicas comprovando os benefícios da Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais em países internacionais, no Brasil essas técnicas ainda não possuem grandes números de dados formais sobre o assunto. Por este motivo, o número de hospitais, centros de reabilitação, unidades de saúde, instituições asilares, abrigos e escolas que aceitam a entrada dos cães co-terapeutas é pequeno.

“Como em tudo no Brasil, faltam pesquisas sobre as técnicas com animais. O país é muito fraco na cultura de pesquisas. Agora parece que está modificando um pouco esse panorama, já tem mais incentivos e pessoas pesquisando e escrevendo a respeito do que estão fazendo. Também acho que esse problema é uma questão cultural, que faz com que falte o hábito de escrever e documentar efetivamente as ações. Mas é uma cultura que está sendo mudada e alcançada. Seria muito bom que quem trabalha com a TAA conseguisse registrar e documentar bem o que é necessário para que a gente tivesse um acréscimo nas pesquisas dessa área”, explica Fátima Neves.

As psicólogas Capote e Da Costa, no livro “Terapia Assistida por Animais”, que trata da aplicação da técnica no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual, também relatavam a necessidade de pesquisas formais, que tenham como fun-

damento as experiências brasileiras no assunto, como ocorre em outros países. Para a Prof^a Dra. Maria de Fátima Martins, está faltando indicadores do lado científico, mostrar as questões fisiológicas das terapias para que a eficácia da Zooterapia seja considerada. “Que o animal faz bem todos nós sabemos, basta conviver com um cachorro, passar a mão em um cachorro, que você vai ver o bem que ele te faz, o companheirismo que ele te traz, como ele vai te ajudar na sua missão. Mas falta você saber o que acontece no seu cérebro no momento em que o animal está fazendo aquilo. A terapia tem que ser boa não só para o ser humano, mas também para o animal” ressalta.

Os estudos na área tiveram início no Brasil com a Dra. Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, localizado no Rio de Janeiro. Mas com o tempo, profissionais como a médica veterinária e psicóloga, mestre e doutora em psicologia, Hannelore Fuchs; a própria Prof^a Dra. Maria de Fátima Martins e a pedagoga Marisa Martinez Solano foram introduzindo o tema em hospitais, escolas e universidades, a fim de dar continuidade às descobertas das técnicas.

Mas hoje, a AAA, a TAA e a EAA ainda se disseminam aos poucos, por meio de equipes independentes espalhadas pelo Brasil. Cada uma delas busca alcançar na maioria das vezes os mesmos objetivos só que fazem isso de uma maneira diferente do outro, seguindo suas crenças e experiências, adequando-se ao espaço e população que atendem, sem uma padronização determinada. A falta então de união desses grupos acaba por fragmentar histórias de vida de profissionais que possuem uma grande bagagem para ajudar a alavancar as técnicas no país, e também prejudica a busca pela qualidade de vida, já que são nas diferenças entre as diversas profissões que a Zooterapia abraça para fazer o seu trabalho, que estão as melhores ferramentas para se auxiliar ser humano e animal. “Essa é uma área confusa ainda entre as pessoas. É engraçado, nós trabalhamos com autistas e tentamos melhorar a socialização deles,

mas as próprias pessoas que estão trabalhando com a terapia são grandes autistas, cada um no seu 'eu', cada um no seu papel, não se comunicam entre si", alerta Maria de Fátima.

Mas as raízes desse trabalho são profundas e fortes, nascidas há décadas por profissionais que se doaram à causa e buscaram maneiras de se aprimorar e fazê-las crescer cada vez mais. E por isso, acreditar que em breve os cães estarão fazendo ainda mais parte da sua vida, e que provavelmente você se surpreenderá com os benefícios da presença de cada um deles não é uma visão futurista, e sim uma esperança para aqueles que trabalham com seriedade pela causa.

E para que as técnicas mediadas por animais alcancem esse patamar, e para não deixar a essência dessa missão que visa não só o bem-estar do ser humano, como zela pelo animal que se doa, é que muitos profissionais seguem se aperfeiçoando nas experiências do dia a dia e também em grupos acadêmicos. No entanto, para Maria de Fátima ainda é preciso se investir mais em aperfeiçoamento, em equipes multidisciplinares, e também é essencial que esses profissionais gerem outras literaturas sobre o tema.

Com o problema do trabalho independente, a AAA, a TAA e a EAA estão se desenvolvendo tardiamente para os brasileiros, e seus benefícios não chegam a todos que precisam. Por não terem ainda essa força de alcance, os termos e métodos ainda são desconhecidos por uma grande parcela da população, como no caso da funcionária da Unicamp, e outros que deixam assim de tê-los como opção de tratamento complementar para a busca da melhora da saúde, qualidade de vida, educação e bem-estar. E também quando chegam ao conhecimento de profissionais da saúde, esbarram muitas vezes no pré-conceito formado por eles quanto aos cuidados de higiene dos animais, e desta forma não seguem caminho para a utilização dentro do ambiente hospitalar. Mais um motivo para que as

pesquisas na área possam ter mais impacto na visão dos médicos e outros especialistas da saúde.

Em sua obra “Terapia & Animais”, o administrador e fundador da já extinta, Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração (OBIHACC), Jerson Dotti afirmava, em 2005, que para nós, no Brasil, o assunto ainda era uma fonte de novidades e possuía grande chance de ser desenvolvido em outros patamares, a exemplo de outros países no mundo. Hoje, o tema ainda é uma novidade para muitos.

O motivo pode ser a falta de publicações em português sobre o assunto, como cita Maria de Fátima, já que a maioria das obras sobre os trabalhos com animais encontra-se em línguas estrangeiras, o que acaba por dificultar o trabalho dos profissionais brasileiros da saúde e interessados no assunto. Os livros existentes contam experiências de profissionais da saúde quanto à utilização das técnicas, relatando resultados de pesquisas, mas apenas a obra de Dotti introduz, de maneira mais concreta, o que são as técnicas, indo mais além e servindo como um guia do assunto. Por isso, ela é utilizada como base para muitos trabalhos acadêmicos.

Atualmente, há no Brasil um grande número de reportagens jornalísticas escritas e audiovisuais mostrando os benefícios da Interação Homem-Animal para os seres humanos. Porém, muitas delas se baseiam em pesquisas internacionais, outras utilizam como foco apenas a questão emocional dos pets nas famílias, e muitas abordam as técnicas mediadas por animais de forma superficial, sem aprofundamento e ressaltando a importância do assunto para a saúde pública. Desta forma, quando se trata das técnicas mediadas por animais, o segmento possui pouca publicação (revista, jornal e site) especializada em tratar jornalisticamente desse assunto. As iniciativas então acabam limitando-se aos sites e blogs das próprias instituições, e a ações individuais de alguns profissionais. Ou quan-

do a reportagem é bem sucedida, acaba servindo de única base para outras.

O cenário chama a atenção para algum ruído entre os profissionais que trabalham com os animais e os meios de comunicação, de forma geral. Se a mídia busca por notícias inovadoras e o assunto oferece mais que isso, por que os benefícios da interação homem-animal ainda não são uma realidade espalhada pelos quatro cantos do Brasil? Seja qual for a razão, os mais prejudicados com essas barreiras são as crianças, os jovens, os adultos e os idosos que encontrariam no amor dos cães uma força a mais para aprimorarem suas vidas.

A falta de comunicação entre os próprios grupos ativos, e deles para com a mídia e depois para a sociedade, não é a única questão neste cenário, capaz de modificar ou atrasar o percurso que visa o reconhecimento das técnicas como práticas formais e eficazes no país. As equipes que trabalham com estes métodos precisam ficar atentas aos seus membros voluntários, uma vez que as práticas são realizadas de forma séria pelos profissionais e não podem ser confundidas com atividades de lazer ou um simples passeio aos cães. Para levar as técnicas até os assistidos, é preciso comprometimento dos voluntários, como em um verdadeiro trabalho, uma vez que as visitas são realizadas em forma de rodízio e cada dupla – cão e humano – é esperada pelos pacientes. E se não houver responsabilidade por parte dos grupos para com as entidades que abriram seu espaço para que eles pratiquem a interação homem-animal, jamais as técnicas serão enxergadas como eficientes na área da saúde, ou terão reconhecimento por parte da legislação do país. Por isso, o comportamento da equipe é tão importante quanto à do cão co-terapeuta.

“Esse é um trabalho, só que não é remunerado. A responsabilidade que a pessoa tem que ter é mesma de qualquer trabalho. E o foco da terapia deve ficar claro. O foco é o assistido!”, clareia a responsável pelo voluntariado da ATEAC, Andrea Carciofi.

Há anos os métodos, os objetivos, os benefícios e o futuro das técnicas mediadas por animais são discutidos. Reuniões e eventos sobre o assunto já apontam as mesmas barreiras para o tema. Neste ano de 2012, aconteceu um novo evento que buscou entre outros objetivos, criar a Rede Nacional de Atividades, Terapia e Educação Assistida por Animais (REATAA), para tentar padronizar os grupos atuantes. Ocorrido na Universidade de São Paulo, no mês setembro durante 4 dias, o chamado 1º Simpósio Internacional de Atividades, Terapia e Educação Assistida por Animais (SINTAA) atraiu profissionais iniciantes e alguns que há tempos trabalha na área. Entre os principais problemas apontados durante o evento estão: a atuação isolada e descoordenada; técnicas, medidas e instrumentos de monitoramento não padronizados; pequeno investimento público e privado; formação profissional deficiente e heterogênea; falta de cobertura no Sistema Único de Saúde (SUS) e planos de saúde; profissão não reconhecida; falta de reconhecimento governamental; ausência de evidências científicas de qualidade; e baixa representatividade acadêmica e científica.

Os detalhes do Simpósio e da Rede serão abordados no último capítulo deste livro, já que essa deverá ser uma ferramenta de ajuda para que as técnicas cheguem a mais pessoas amanhã.

“Hoje há muito mais gente trabalhando, gente muito competente fazendo pesquisas excelentes, existe uma conscientização da população do valor do animal e da possibilidade de usá-lo como terapeuta. Mas é preciso tomar muito cuidado, porque ele [o animal] não é para ser abusado”, adverte. “São duas coisas que devem vir em primeiro lugar: a segurança da pessoa que você vai cuidar e a do animal. Depois vem a pesquisa, o Ibope, o sorriso...”, esclarece Hannelore Fuchs.

E para Fátima Neves, as perspectivas para o futuro das técnicas mediadas por animais no país são esperançosas. “Como o brasileiro é muito afetivo, qualquer ação que você tenha que mexa com a

afetividade da pessoa costuma ser bem vinda. Eles são muito afetivos com seus animais. Então a perspectiva é boa, porque a base fundamental da TAA é a afetividade, é através de relações afetivas que a gente consegue trabalhar e obter os resultados. Por isso, eu acredito que aqui tenha uma grande perspectiva em função disso”, finaliza esperançosa Fátima.

Mas enquanto se agarram na esperança, é preciso que as técnicas recebam atenção dos meios de comunicação. Por isso, este livro-reportagem pretende então, ainda que configure como um produto jornalístico, e não científico, ser um apoio para que essas técnicas mediadas por animais (no caso deste projeto, é abordada especificamente a utilização dos cães nessas técnicas) sejam esclarecidas e diferenciadas por meio de cases de AAA, TAA e EAA, nas quais os próprios profissionais, instituições e pacientes do Brasil poderão contar suas experiências e informações sobre o assunto, abordando-o assim com mais aprofundamento dos fatos e deixando registrado este momento de luta por reconhecimento destes métodos no país.

Essas fontes primárias são, neste momento, a melhor forma de buscar definir e popularizar as técnicas em questão, uma vez que o assunto claramente não recebe das mídias de comunicação do Brasil, a devida atenção e importância que tem para a área da saúde no país. Uma das confirmações desse cenário é que o tema não possui nenhum livro no país que relate histórias reais e depoimentos sobre o assunto de maneira ampla, permitindo que o tema seja documentado em seu contexto atual pelos próprios personagens, e expondo seus sentimentos pelos animais e pelo trabalho que desenvolvem através da rica base literária.

2 • FRASCO DE SAÚDE EM QUATRO PATAS



Quem passa ao redor do hospital tem pressa, e, por vezes, chega a se irritar com a lentidão dos veículos que por ali querem estacionar. Afinal, o dia flui e as tarefas não podem parar. Aqueles que precisam de ajuda médica vão, aos poucos, se misturando aos demais que esperam, sentados, em pé, encostados na mureta, ao ar livre. Muitos conversam; alguns são vencidos pelo cansaço e adormecem nos bancos; outros, apenas observam os enfermeiros, médicos, funcionários e demais pacientes que vagam pelo local.

Uma mãe carrega sua criança no colo, ainda confusa com o novo ambiente, quando a pequena estica os braços e aponta um lindo labrador. O animal se aproxima como numa saudação, e, então, a mãe desce a filha ao chão.

Curiosa e sem demonstrar qualquer medo, a criança o acaricia. A ação faz surgir um sorriso inesperado e altera a expressão tensa do

rosto da mãe. Habituada, a psicóloga Fabiana de Fátima Almeida Oliveira, que acompanha o grupo do cão, logo convida a corajosa menininha para conhecer outro animalzinho que espera quietinho no aconchego de seus braços.

Após brincar por alguns instantes com os bichinhos, mãe e filha seguem rotina, mas agora muito mais vívidas.

Os cães também possuem uma tarefa e por isso logo se misturam à paisagem do saguão de espera. Enfeitados, limpos e educados, pelos corredores eles vão chamando a atenção de quem passa, recebendo olhares curiosos, carinho e elogios.

Antes de chegarem ao primeiro destino, uma pausa para mais uma higienização. Já na porta do quarto, são recebidos com alegria pelos profissionais que ali trabalham.

O ambiente é quieto e a quantidade de aparelhos chega a assustar a primeira vista, mas num olhar mais atento é possível encontrar um laço cor de rosa, um desenho especial nas paredes, e alguns penduricalhos coloridos, detalhes que aos poucos vão entregando a identidade dos que ali se encontram.

Fabiana e os animais estão em um dos quartos da pediatria do Hospital Mario Gatti, localizado na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

Com um sorriso no rosto e palavras sutis, a psicóloga inicia a aproximação do cãozinho Pitti com uma criança. Ela fala baixinho, diz à menina que o animal veio vê-la e logo consegue uma demonstração de alegria. Atenta, a pequena paciente acompanha com os olhos todos os movimentos de Fabiana e dos outros dois voluntários que a acompanham.

Aproveitando a distração, a psicóloga lança um elogio e recebe em troca um singelo olhar de agradecimento. Ao se despedir, o grupo demonstra empolgação e deixa no ar um clima de incentivo à vida.

Em outros quartos, a visita continua. Algumas crianças, ao avistarem os animais, se agitam, querem chegar perto. Algumas parecem acanhadas e são incentivadas a se aproximar.

Os acompanhantes perguntam, tentam entender a inusitada visita, e quando constatam o rostinho feliz de um paciente, dão ares de assentimento.

Quem visita busca trazer de volta a alegria das cores, a sensação do tato e o poder dos cheiros através da interação dos cães, para aqueles que agora enxergam o mundo passar pela janela. E basta um abano de rabo para que se possa constatar a empolgação dos animais, que juntos de voluntários e profissionais como Fabiana conseguem fazer a diferença no dia de uma pessoa.

A visita não se prolonga. São minutos de afetos mútuos, o bastante, porém, para regar qualquer coração murcho e recarregar outros amistosos.

“Eu saio de uma visita revigorada. Parece que quem mais ganhou sou eu do que o atendido”, assegura a psicóloga. Para ela, a maior recompensa é saber que fez uma boa ação para alguém.

Esse sentimento vem preenchendo Fabiana desde março de 2012, quando se tornou psicóloga da ATEAC (Instituto para Atividades, Terapias e Educação Assistida por Animais de Campinas). Sua motivação é a crença no poder da melhoria por meio dos animais, benefício esse que ela pôde comprovar em sua própria vida.

Em outubro de 2008, aos 31 anos, Fabiana cursava Psicologia na UNIP (Universidade Paulista) e trabalhava de assistente financeira em uma empresa. A jovem já era, há dez anos, responsável pela folha de pagamento dos funcionários, e seus passos rotineiros eram facilmente interpretados.

Em um dia chuvoso, ela desceu do carro no estacionamento de um shopping em Campinas e iniciou uma caminhada a pé em direção à empresa. De posse de um guarda-chuvas e do dinheiro do pagamento, ela seguia sozinha quando de repente se viu interceptada por um homem.

“Ele chegou para mim e disse meu nome. Pediu que eu entregasse a sacola”, conta. Espantada, Fabiana chegou a pensar que seria

alguém do seu trabalho que lhe oferecia ajuda, mas logo sentiu a sacola puxar.

A primeira reação da profissional foi a de evitar que o dinheiro saísse de suas mãos, e então ela puxou de volta. Nervoso, o assaltante fez força novamente e Fabiana, num impulso gritou. “Quando eu gritei ele disparou”, relembra.

O tiro acertou em cheio a coxa direita da profissional, fraturando seu fêmur e atravessando sua perna até atingir o glúteo esquerdo. Cena esta que, para a profissional só fez sentido horas depois. “Eu não me dei conta do que estava acontecendo, estava preocupada com a empresa. Depois que ‘cai a ficha’, já no hospital, a gente tem a dimensão do que aconteceu”, esclarece a psicóloga.

Após atirar, o criminoso fugiu sem levar o pacote, mas levou consigo a paz de Fabiana.

A internação, a experiência da cadeira de rodas, do andador e das muletas até conseguir voltar a andar com suas próprias pernas consumiu meses de sua vida.

Tanto tempo afastada da faculdade, do emprego, sem muito convívio social e traumatizada fez brotar na assistente financeira um diagnóstico de depressão, criando assim um temor em voltar a antiga rotina.

“Eu fique com certo medo da minha função, tinha receio de voltar a trabalhar. Cheguei a pedir afastamento algumas vezes, o que me deixava ainda mais triste porque eu não conseguia mais desempenhar minha função como antes”, comenta.

Fabiana lutava contra a doença, meses depois da tentativa de assaltado, quando num dia a presença de um belo gatinho preto que vagava pela rua de seu apartamento lhe chamou a atenção. Incentivada pelo amor aos animais, mas ainda com receio por nunca ter tido muito contato com um felino, Fabiana iniciou uma amizade regada a cuidados com o bichinho. “Dessa forma, eu conseguia me sentir útil”, elucida.

Encantada e motivada, a profissional contrariou a mãe com quem divide o prédio e levou o gato para dentro de sua casa. A relação caminhava muito bem, mas acostumado com a rua o bichano de vez em quando saía para passear pela vizinhança e demorava para voltar. Porém, a atitude do felino não era problema para Fabiana.

“Ele respeitou o meu momento. Eu queria me relacionar, mas também tinha o meu tempo de afastamento e um gatinho entende isso, ele não é tão dependente”, expõe.

Apesar da boa interação, um dia, o animal deixou o apartamento para perambular e não voltou mais. Sem saber do paradeiro de seu novo amigo, restou a Fabiana utilizar as lembranças dos momentos juntos para vencer a tristeza.

Após a experiência, Fabiana se lembrou dos conselhos de sua terapeuta, que sugeriu que ela encontra-se algo que ela realmente gostasse e preenchesse seu tempo com essa tarefa. Percebeu assim que a interação com aquele animal fez surgir um sentimento bom dentro de si.

Ao voltar para a faculdade, o obstáculo era conseguir recuperar o tempo perdido. Os estágios não cumpridos adiaram sua conclusão no curso em 2008. No ano seguinte, Fabiana teve que se enquadrar a nova grade e refazer algumas matérias exigidas pela faculdade.

Uma de suas amigas lhe informou sobre o trabalho da ATEAC, em sua cidade natal, Campinas. Interessada em cumprir seu programa de atividades complementares do curso, Fabiana chegou a conhecer a entidade.

“Mas por conta do meu trabalho eu não conseguia vincular os horários. Nesse período eu nem cheguei a atuar como psicóloga. Eu fui de voluntária apenas”, conta.

Tempos depois, quando já se encontrava formada e longe do antigo trabalho, a profissional voltou a ser chamada por sua amiga à ATEAC. Desta vez, a entidade precisava de uma psicóloga para integrar sua equipe. Iniciou-se assim uma descoberta de amor e

respeito aos animais, num trabalho que Fabiana desempenha com afeição e muitos sorrisos. “Eu me encontrei. A atuação do psicólogo nessa área social é muito necessária e com esse trabalho eu me sinto realizada”, constata.

ATEAC – Uma história de amor fraternal



Nascida da história de afeto de uma mãe por seu filho com Síndrome de Asperger, a ATEAC tem como missão promover através da interação entre o homem e o animal a melhoria da saúde física, emocional e mental de crianças e adultos.

O trabalho, que se iniciou com um projeto para espalhar os benefícios dos tratamentos com animais, atende hoje dez instituições da Região Metropolitana de Campinas, alterando a rotina de uma média de 980 pessoas mensalmente.

A labradora Luana foi quem iniciou esse trabalho especial, e de forma espontânea. “Ela não dava sossego para ele. Parecia que sabia que era ele quem mais precisava dela”, conta a bióloga Sílvia Ribeiro Jansen Ferreira.

A frase, carregada de lembranças, explica o relacionamento da cachorra com o filho dela, Daniel Ribeiro Jansen Ferreira. Foi ainda filhote que o cãozinho começou a demonstrar suas características de forte empatia com as pessoas, principalmente com o jovem.

Assim como a mãe, Daniel havia se formado em biologia e há dois anos fazia estágio. Quando decidiu entrar em uma pós-graduação, no ano de 2004, ganhou o presente do irmão. A cachorrinha de pelos negros tinha apenas 45 dias quando entrou pela primeira vez na casa da

família, e após quatro meses já havia conquistado a amizade de Daniel. Foi aos poucos e com muita insistência que o animal conseguiu criar laços afetivos com o jovem e atraí-lo para mais perto do convívio social.

Desde neném, Daniel já apresentava variações de comportamento, mas apenas aos 23 anos foi diagnosticado com a Síndrome de Asperger – uma doença que limitava sua interação social. Mesmo já tendo tido contato com outros cães de estimação que a família possuía, foi Luana quem despertou as respostas motoras e psicológicas de Daniel. “Ele tinha medo de defender sua tese. Era muito difícil para ele falar em público. Também tinha dificuldade para abraçar, externar seu sentimento e entender quando mudamos nossa face. Então decidimos utilizar o cão para ajudá-lo”, explica Sílvia.

A decisão deu certo e, em pouco tempo, o jovem, sentindo-se mais seguro com a companhia fiel da labradora, já correspondia às ações do animal. Até mesmo a barreira da fala foi sendo vencida, enquanto ele discorria diariamente sua tese a cachorra. Assim, Daniel se tornou o primeiro portador da Síndrome a defender uma tese de mestrado no Brasil.

Acompanhando o desempenho do cão e a melhora de seu filho, Sílvia não se contentou em apenas guardar para si a experiência engrandecedora e logo surgiu uma sede por informações sobre o assunto.

“Eu pensei: ‘nossa, por que não os outros? Por que não os outros autistas que precisam, mesmo aqueles com outras patologias?’”, conta.

Coincidentemente, dias após decidir que pesquisaria sobre o assunto, Sílvia se espantou ao ligar a televisão e se deparar com uma entrevista da, agora extinta, OBIHACC - Organização Brasileira de Interação Homem Animal Cão Coração, que, na época, já desenvolvia trabalhos com a mediação de animais com idosos.

Imediatamente, a bióloga se identificou. “Eu tinha acabado de começar um mestrado, para ser geneticista e aquela forma de tra-

balhar juntava os animais que eu adoro e os deficientes”, justifica. O incentivo do destino bastou para que ela então procurasse por mais informações.

Auxiliada por uma boa bagagem e motivada pelo amor, Sílvia criou em 2004 o projeto “Criança Cão e Ação”, que deu origem, em 2007, à ATEAC.

A labradora Luana também trabalhou como cão co-terapeuta com outros pacientes da entidade, e, após ter doado muito de sua vida a outras vidas, morreu em 2011, vítima de um câncer nos gânglios. “Ela foi tomar banho e daí perceberam que o pescoço dela estava inchado”, conta Sílvia. Rapidamente a veterinária do pet shop a apalpou, descobriu uma bola no local e pediu exames.

Por ser um linfoma que se espalha por todos os gânglios do corpo, era preciso que Luana iniciasse uma quimioterapia. Como o outro filho de Sílvia é médico, especialista em linfoma em ser humano, o tratamento da cachorrinha foi diferenciado. “O diagnóstico dela foi de três meses. Mas eu não aceitei. Então nós entramos com drogas diferentes, por causa da experiência dele”, relembra a mãe.

Formou assim um colegiado de veterinários da USP, UNIP e o médico veterinário da ATEAC, Fábio Nakabashi, ajudando a mostrar o que estava sendo usado com seres humanos e também já tinha sido testado em animais, mas que habitualmente não usam ainda em tratamentos. “Muitos desses remédios deram certo nela, lhe deram uma vida maior”, conta Sílvia.

A quimioterapia de Luana foi realizada de forma humanizada e vagarosamente, com preocupação por parte dos profissionais em hidratar e utilizar soro no início de cada visita, diferenciando-se do tratamento clássico da injeção direta no animal. “Ela ficava umas três ou quatro horas dentro do Hospital da UNIP em Campinas”.

Apesar dos cuidados especiais, a última mudança de remédio abaixou muito a imunidade do cão co-terapeuta, facilitando o sur-

gimento de uma série de outros problemas, como infecção de útero, que acabaram se juntando ao quadro do animal e ocasionando em sua morte.

“A Luana foi o melhor cão terapeuta que eu já conheci. Os últimos atendimentos dela foram os mais perfeitos. Ela conduzia sozinha a terapia. Ela sempre foi muito feliz para a quimioterapia. Tanto que ela fazia terapia com o hospital inteiro”, confessa orgulhosa Sílvia.

Mas Luana deixou suas marcas. O bem que a convivência com Daniel trouxe incentivou a família a arrumar outro companheiro para ele assim que o câncer foi diagnosticado. Theo foi o nome escolhido para o golden que passou a ser o responsável pela continuação do trabalho de Luana, diminuindo assim a falta da antiga companheira no jovem.

Ainda que Sílvia e a família tenham se mantido reticentes em permitir um contato direto com Daniel, a história entre ele e Luana se immortalizou pelos frutos que deixou: a ATEAC.

Um sorriso aberto

E o trabalho dessa equipe campineira também atingiu a vida de Carina Conceição Rezende, moradora de Hortolândia, que através do Hospital de Clínicas da Unicamp teve contato com os cães-coterapeutas.

Foi com um ano e três meses que Carina deu seus primeiros passos. Mas, nove meses depois a liberdade da pequena foi interrompida. Com dois anos seu polegar direito começou a doer muito, o que causava choros constantes. Assustada, a mãe de Carina, Tereza Custódio Rezende procurou ajuda. No entanto, os primeiros profissionais não conseguiram descobrir a causa do incômodo. Quando visitou o Hospital da Unicamp a Osteomielite foi descoberta. Nessa época, a doença que consiste numa inflamação dos ossos, já havia atingido as articulações da criança, e logo Carina perdeu os movi-

mentos das pernas. Desde então, as frequentes visitas ao hospital se tornaram uma rotina obrigatória para mãe e filha.

Hoje, com vinte e sete anos, Carina demonstra que não deixou o problema de saúde atingir seu coração, e se mostra simpática e amigável com todos a seu redor. Sempre que seu quadro clínico apresenta alguma alteração, ela tem que voltar para passar alguns dias no local, mas desde o início de 2011 essa rotina se tornou menos desagradável. Nesse período o grupo da ATEAC iniciou, com regularidade, o trabalho de visitas com os pacientes do local.

Todos os sábados, pontualmente às 14 horas a equipe, acompanhada pelos cães co-terapeutas inicia as visitas pelos corredores do hospital. Ao chegarem ao hospital, os voluntários seguem direto para uma salinha especial onde novamente seguem ritos de cuidados com seus animais. Patinhas e focinhos são mais uma vez limpos, garantindo ainda mais a higiene para os pacientes.

Os cães menores são encaminhados diretamente aos quartos e os maiores seguem até o pátio da ala da pediatria. As crianças que podem caminhar são convidadas pelas duplas a deixar o quarto e seguir para o ambiente aberto para também interagirem com os animais de porte maior.

Um a um dos quartos vão recebendo as duplas cão e humano, num encontro de distração. Enquanto interagem com os animais, as crianças vão sendo estimuladas pelos voluntários e às vezes pelos próprios familiares, para que conversem e animem-se a se movimentar. “Nós procuramos despertar o interesse deles e envolver a família, porque quando o cão está aqui não é só a criança, são os pais, os funcionários, sempre chega alguém, é uma descontração. Esse é um ambiente tão tenso que a hora que chega um cão humaniza”, relata Andrea.

Apesar dos benefícios que apresentam às crianças durante a visita, os cães não são liberados para visitarem todos os quartos. Há familiares que não permitem a presença do animal próximo aos



pequenos. “Nesses casos a gente respeita, pois é uma questão ética da Ong e da minha profissão. Mas o que devemos fazer é sempre em todas as visitas ir lá questionar, mostrar o cachorro para o acompanhante, conversar com ele para que veja que o cachorro não faz mal, levar essa pessoa para outro local para ela ver o trabalho do cão. Então nós procuramos explicar, no entanto se não der certo a gente deixa, respeita. Eu acho que são mães protetoras, então qualquer coisa que seja estranho naquele ambiente - que é um local que gera vários cuidados - e quando entra algo que não seja do hospital, nem do médico ou enfermeiro elas se assustam, acham que eles podem pegar alguma coisa, que aquele animal não é limpo. É falta de conhecimento, mas ao mesmo tempo é um zelo dessa mãe”, conta a psicóloga da ATEAC, Helena Gomes Martins.

Mas no caso de Carina a situação é outra. Todos os sábados ela espera ansiosa pelos cães, ao lado de sua mãe. “Eu gosto muito da visita dos cães”, afirma ela. Quando explica o motivo o relato é simples, clássico de quem enfrenta longos dias de internação: “É chato ficar aqui, não tem o que fazer. Por isso eu fico esperando os cães”.

Apesar da idade, Carina fica instalada em um dos quartos da pediatria do hospital, onde já cativou durante anos o carinho dos profissionais que ali trabalham, e depois de cumprimentar ali mesmo, na cabeceira de sua cama o primeiro cãozinho é convidada a deixar o local.

Já no pátio principal da unidade, de longe seu rostinho já chama a atenção. Mais alguns passos e então é possível apreciar melhor seu sorriso espontâneo. Os cães a cercam, curiosos cheiram sua cadeira de rodas e suas mãos pequenas que lhes fazem carinho. Por de trás dos óculos de grau, utilizados por ela há cinco anos por causa do descobrimento de duas doenças (miopia e catarata), os olhos parecem refletir a alma, e brilham. Carina está feliz. Ao seu lado, sempre acompanhando tudo, sua mãe Tereza também demonstra alegria. Um dos cães gira em volta de Carina e acaba enroscando a



guia em uma das rodas da cadeira. Ao tentar se soltar o animal faz força e levemente gira Carina, como em uma brincadeira de roda. Nem o balanço inesperado faz mudar o semblante da jovem, e a cena acaba por causar risos em todos.

Aos poucos, outros pacientes vão se aproximando, e os voluntários os convidam para tocar os animais. Algumas crianças deixam escapar um sorriso, outras fixam o olhar no animal e não se movem, as mais corajosas arriscam entregar um petisco a ele. Em instantes o clima de hospital some e dá a impressão de que todos estão em um ambiente aberto em plena primavera, quando as folhas caindo alegrem as pessoas. Mas nesse cenário o encantamento é com os cachorros, que espalhados pelo local parecem flores raras que atraem olhares e toques de todos. E não são só as crianças que se divertem com a presença deles. Familiares e funcionários também querem ver os co-terapeutas.

Tanto tempo de visitas já rendeu cenas engraçadas e muito carinho por parte de Carina pelos cães co-terapeutas da ATEAC. “Um dia eu fui dar água no copo de plástico para o Bono [cão] e quando ele terminou de tomar a água ele tomou o copo da minha mão e queria comer o copo. Quase comeu metade!”, conta sorrindo.

Fora do ambiente hospitalar, Carina também demonstra que possui empatia por cães. “Em casa temos um casal de cachorrinhos”, diz Tereza ao afirmar que a presença dos animais ajuda no tratamento da filha. “Ela sempre gostou de animais, desde criança”, conclui.

A amizade, que por vezes é interrompida pelas internações, não faz Carina esquecer dos seus animais de estimação, mas faz surgir uma saudade que acaba sendo encoberta pela presença dos cães co-terapeutas. “Quando estou em casa converso, brinco com eles. Eu queria que eles também pudessem vir me visitar”, fala empolgada.

Por causa de sua dificuldade na locomoção, para circular pelo hospital Carina utiliza uma cadeira de rodas que comprou há três

anos. Durante a Atividade Assistida, o equipamento se transforma em mais uma brincadeira para os cães, que curiosos cheiram o apoio dos pés da cadeira e acabam molhando os pés de Carina. Mais um motivo para ela abrir um lindo sorriso. E Terezinha também se diverte com a cena, aprovando a presença do animal ali. “Nós vemos que os familiares ficam aliviados, porque é um ambiente que para eles a primeira coisa que vem é a morte, a doença gera essa fantasia da morte e eles ficam fragilizados. Por isso a visita é legal, porque tiramos um pouco esse peso que tem o hospital. Enfermeiros vêm nos falar ‘Que bom que vocês chegaram’, ou ‘A criança tal não está querendo tomar o soro, você não pode ir lá me ajudar?’. Então todas essas questões facilitam o ambiente hospitalar e fisicamente alteram aquele conteúdo momentâneo da criança”, descreve Helena.

Apesar das dificuldades, Carina encara sua história com um talento que deve ter herdado da mãe: a simplicidade. Artilheira no jogo da vida, ela segue conquistando seu espaço. No fim deste ano se forma no Ensino Médio, e procurando garantir uma profissão, também participa aos sábados de um curso de Webdesign em sua cidade. A locomoção é o maior problema para ela, e já que seus dois irmãos mais novos trabalham e utilizam o carro da família, para ir as aulas durante a semana ela é levada por um micro-ônibus adaptado da prefeitura de Hortolândia. Por sua simpatia e presença alegre, Carina faz amizades facilmente, e são elas que lhe ajudam a se locomover na instituição de ensino. No próprio hospital ela não passa pelo corredor sem ser cumprimentada, e sua expressão de animação ao ver os cães motiva ainda mais o trabalho da ATEAC.

Como em toda Atividade Assistida por Animais, na ala infantil da Unicamp nenhum paciente tem seu quadro clínico acompanhado de perto pela equipe de voluntários, pois há rotação de pacientes o tempo todo no local. No entanto, nem é preciso saber através de

papéis o que aqueles rostos alegres demonstram, é possível sentir com o coração, há cada gesto singelo, como um sorriso de Carina, o poder dos cães co-terapeutas. “Nossa recompensa é ver uma resposta da criança, seja qual for ela”, finaliza Andrea.

3 • LAMBIDA PARA A VIDA

Ela só tinha 16 anos, mas já havia ido e voltado do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo, várias vezes por causa de uma depressão que a levou a tentar suicídio. Sua primeira internação foi aos 15 e a última aos 18 anos.

Durante o período em que passou por cuidados psicológicos, a estudante Jéssica Silva Guimarães enfrentou uma barreira dentro de si mesma, e também descobriu o benefício de uma amizade animal. Em uma de suas passagens pelo hospital, Jéssica se deparou com a presença dos cães co-terapeutas do INATAA.

O cãozinho sem raça definida, Aníbal foi o escolhido para ajudar a estudante. Acompanhado de Fátima, ele fez suas visitas todas as sextas-feiras pela manhã, durante 4 meses. A Terapia Assistida por Animais acontecia dentro do ambulatório de psiquiatria.

“Ele ia até o meu quarto quando eu não conseguia me levantar por conta da depressão. Foram incríveis os benefícios, eu dizia sempre lá dentro que o único dia legal era sexta-feira porque eu realmente ficava feliz”, conta Jéssica.

No início do primeiro contato, a estudante não acreditava que aquele animalzinho pudesse lhe ajudar, mas logo mudou ideia ao sentir a empatia e o companheirismo dele.

“Eu não acreditava que poderia dar realmente certo no começo, até um dia eu realmente estar tão mal que não queria ver nem o Aníbal, e ele entrou no meu quarto, subiu na minha cama e me lambeu toda até eu levantar. Ai ele percebeu que eu estava mal e fez literalmente de TUDO pra me ver sorrir, sem comando nenhum. Achei aquilo que ele estava fazendo incrível e realmente fiquei feliz, vi que podia dar certo”, relembra.

Após a aceitação do cachorro, os dias que se seguiram foram de intenção interação, que desenvolveram ao longo dos meses um sentimento de apego entre ela e Aníbal.

“Só de fazer carinho nele eu já me sentia bem. Eu tinha uma almofada que eu fiz lá dentro e tinha o maior mimo com ela. Um dia ele veio, pegou ela na boca, colocou no meu colo e deitou em cima. Eram meus dois mimos lá dentro, juntos. Aquele dia foi bem legal e ele gostava de mim. As crianças mais novas ficavam com ciúmes e falavam ‘por que a Jéssica tem um cachorro só pra ela?’. Nem era questão de exclusividade nada, era saber que eu podia contar com ele todas as sextas, mesmo se eu não levantasse ele estava lá”, afirma.

Jéssica só conseguiu realmente melhorar aos 19 anos, e não teve mais contato com os cães co-terapeutas. No entanto, sua vida ficou marcada pela experiência do amigo canino que a fez se aproximar e inserir novos animais de estimação em seu dia a dia. Após sair do hospital ela, que já tinha um cachorrinho, adquiriu mais dois e um gatinho, que faleceu no ano retrasado.

“Eu não via a inteligência e humildade que eles sempre tiveram”, conta ao assegurar que a experiência a fez enxergar os animais de forma diferente. “Hoje sou fã de cachorros, tanto que adotei um novo na rua não faz nem um mês”.

Servindo como um complemento ao trabalho realizado pelo hospital, a TAA busca promover a interação homem-animal, só que com objetivos pré-determinados. No caso de Jéssica, o método não só ajudou como demonstrou seus benefícios de forma rápida e eficiente, através das patas amigas.

“Com toda certeza do mundo eu recomendo a companhia de um cão. Eles ajudam mais que enfermeiros na maioria das vezes”, encerra.

INATAA – Um trabalho em equipe



Em 2000 nascia a Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração (OBIHACC), dirigida pelo administrador Jerson Dotti. Seu trabalho já acreditava e divulgava o poder dos animais como co-terapeutas. Até o ano de 2008, a ONG reuniu diversos profissionais, voluntários e cães para trabalhar com Terapias e Atividades Assistidas por Animais. As experiências nas áreas surtiam efeitos e já traziam benefícios para os pacientes da Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo, da Sociedade Beneficente “A Mão Branca” de Amparo aos Idosos, do asilo Vivência Feliz, da Associação de Assistência Social Recanto da Vovó, do Instituto Dante Pazzaneze de Cardiologia, e do Hospital das Clínicas – IPQ (Instituto de Psiquiatria).

Mas oito anos após sua criação, a OBIHACC foi extinta por decisão de Dotti. No entanto, o amor que aquele trabalho já havia instituído em cada um dos participantes fez nascer outras ONGS com a mesma missão. Entre elas, a INATAA, que aliou grande parte do pessoal que trabalhava com a OBIHACC.

“Nós, como voluntários atuantes resolvemos fundar a INATAA para continuar as atividades, para não deixar de atender os assistidos. Então nós ficamos inclusive trabalhando nos lugares que a OBIHACC atendia. A base dos trabalhos que a gente tem hoje, nós já tínhamos naquela época e mantivemos”, conta Fátima.

Na época da fundação, o grupo que estava criando o INATAA nomeou a psicóloga Silvana Prado para a presidência, cargo que ocupou até o início de 2012. A escolha do nome da organização também aconteceu em equipe, em forma de votação. As sugestões foram enviadas pelos participantes. A sigla vencedora foi mandada por Fátima, que mais tarde se tornaria a segunda presidente do INATAA.

Acostumava a estar sempre cercada de animais, desde a infância, Fátima demonstra um carinho enorme ao falar sobre o seu trabalho no Instituto, que atualmente ajuda a melhorar a vida de cerca de 400 pessoas por mês. “É um trabalho que me dá muito prazer e muita realização profissional, não como presidente, mas como terapeuta, adestradora de cães. Esse trabalho proporciona uma grande realização, você proporcionar bem-estar para as pessoas é uma coisa extremamente satisfatória para um profissional da área da saúde”.

Desde a sua entrada na presidência, o INATAA passou a trabalhar com um formato de colegiado, onde todas as decisões são tomadas em grupo. “Eu apenas organizo e represento esse grupo. Eu não faço nada sem a equipe”, afirma.

Hoje, o Instituto realiza diversas atividades relacionadas a AAA, EAA e TAA com cães, através da colaboração de voluntários e seus cachorros, voluntários sem cão e profissionais, atendendo a diversas instituições como casas asilares, hospitais, nas áreas de psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, equipe multidisciplinar, visitas e cursos de formação, visando a interação Homem-Animal.

A INATAA atende atualmente, o Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia: Pediatria e Adultos; o Hospital das Clínicas – IPQ: Hospital Dia Adultos; 4 instituições asilares e ainda tem parceria com Projeto Infante; Psicologia USP. O Instituto conta com o trabalho de 65 voluntários com cão ou sem cão, e 61 cães-terapeutas.

4 • TINA: A BIBLIOTECÁRIA QUE NÃO SABE LER



Em uma sociedade ainda em transformação quanto à estrutura familiar, as crianças são as mais atingidas. Tristes, incompreendidas, confusas, revoltadas ou abafadas por um problema pessoal elas costumam se deprimir ou se tornar agressivas, alterando comportamentos. A escola, que serviria de base fundamental para a sua educação, acaba então por ser uma tarefa deixada de lado por eles. Muitos educadores falam hoje dos benefícios da humanização e muitas instituições de ensino já buscam alterar seu modo de trabalho para se adequar a nova realidade das crianças, como instaurando o “Dia da Família”, e não mais focando apenas em datas para celebrar o pai ou a mãe - uma forma de tentar incluir a todos e evitar preconceitos. Mas essas ações ainda não são o bastante, é preciso tentar novas formas de educar.

Pare por um instante e tente imaginar uma sala de aula. De repente você olha as carteiras e as vê vazias. Olha para a lousa e não enxerga um professor. Então você escuta um latido e corre os olhos até uma linda golden abocanhando uma bolinha. Em sua volta crianças sorrindo e conversando, fazendo conta mentalmente sem sequer perceber, passando as mãos nos pelos longos do animal e abraçando-o. A professora, dentro do círculo explica as diferenças entre os mamíferos e os herbívoros, enquanto os pequenos observam atentos as características do cãozinho que está logo a frente. De repente uma pergunta sobre a higiene do cão surge e vira tema. Todas as crianças querem falar e relatam histórias que fazem criar novos e mais novos temas. Assim, em poucos minutos são discutidos, de forma ativa por todos, vários assuntos importantes sobre matérias diversas. Seria essa a nova fórmula da educação?

Para a pedagoga, Marisa Martinez Solano, é possível sim ensinar educação por meio de um cão. E educação de qualidade, para a vida toda. Segundo ela, essa transformação na sociedade e na família está acontecendo de maneira muito rápida, e a escola, que deveria acompanhar esse processo não está preparada para tal. A mudança então teria que ser na base das instituições, com mais capacitações.

“Está ocorrendo muita indisciplina, porque os professores não estão entendendo o que o aluno quer e o aluno não entende também o que o professor quer. É aí que entra o cão. Ele quebra a rotina da escola, quebra essa formalidade que existe e você consegue com muita facilidade, num ambiente muito descontraído fazer com que eles coloquem as dificuldades que eles têm, o que está acontecendo, consegue fazer com que tenham uma leitura por prazer não por obrigação ou por prova. Mas a entender, entrar dentro do livro, a imaginar, fluir as ideias”, explica Marisa.

A profissional é a criadora do termo Educação Assistida por Animais (EAA), que existe desde 2002 apenas no Brasil. A denomina-

ção é uma nova vertente de técnica mediada por animal, que se acrescenta às designadas pela Delta Society - AAA e TAA.

“Como eu sou direcionada para a educação e participava como todo mundo, eu sempre fiz atividades direcionadas para a área da educação. Durante 34 anos eu tive a escola ‘Toquinho de Gente’ e como ela era sob a minha direção, eu era a mantenedora, pude fazer as pesquisas e as experiências na parte de educação junto com os cães. Dai então quando se falava em TAA e AAA eu entrava falando sobre Educação Assistida por Animais. E eu fico muito feliz que o termo pegou, e os meus próprios colegas que falavam de Terapia Assistida por Animais hoje já colocam EAA também para poder falar quando é direcionada com um objetivo definido para a educação”, conta.

Na época, muitas ONGS como a OBIHACC, a INATAA, a ATEAC e outras, que surgiram depois de 2002, já utilizaram o novo termo. O Grupo Integrado Maranatha, chamado de Zooterapia - entidade criada por Marisa - realizava vários cursos focando o trabalho pedagógico e, a insistência da profissional em separar o objetivo daquela atividade e defini-la como outra terapia foi o que atraiu interessados no assunto.

“A EAA é mais um recurso pedagógico de motivação, para incentivar as crianças, tanto as em desenvolvimento, como as com necessidades especiais de educação. Quando você faz a interação com o cão, e você trabalha dentro de uma escola com uma sala de aula, você já traça junto com a professora um objetivo, para saber o que aquela classe está precisando, qual é a dificuldade de aprendizagem, quais são os problemas de relacionamento, então você já trabalha direcionada. Ou tipo de um projeto, como é o meu de incentivo de leitura e escrita que eu chego dentro de uma sala de aula, de um grupo de crianças e começo a trabalhar e incentivar a leitura e escrita utilizando o cachorro como um motivador, como catalisador.

A descoberta

O trabalho da EAA teve início com uma cena inesperada que impulsionou Marisa e o treinador de cães Antônio Marcos de Lima, a iniciarem uma missão apaixonante. Os alunos da escola “Toquinho de Gente” foram convidados pela pedagoga para um passeio em seu canil, localizado em São Roque. O objetivo era fazer com que as crianças de 4 a 5 anos, acostumadas com a rotina da grande São Paulo, pudessem ter contato com um meio ambiente diferente, com a natureza e, assim comparar a cidade com a área rural. Para isso, foram planejadas várias atividades durante todo o dia.

A recepção, no entanto, acontecia dentro do hotel para cães. “Quando eles chegaram ao canil e viram os cães adestrados eles não quiseram fazer mais nada”, conta Marisa. Foi então que Ayrton, o único aluno portador de Síndrome de Down da escola avistou a cachorra Nagoya com todo o seu porte grande de uma rottweiler e, habituado a fazer equoterapia soltou das mãos da professora e saiu correndo, pulou em cima de Nagoya e com os pés ele fez movimentos de uma espora de cavalo e das orelhas do animal sua rédea. “Nesse momento eu olhei para o Ayrton porque a minha preocupação maior era saber se não ia acontecer nada com o menino. E o Toninho, a preocupação dele era se não ia acontecer nada com o cachorro. E aí foi nesse momento que nós falamos juntos: ‘Está tudo bem!’. E assim nasceu a Ong Zooterapia.

“Partindo dessa interação que nós vimos a alegria e a aceitação do cachorro, e o bem-estar que causou com o Ayrton, que eu quis saber o que tinha acontecido ali, naquela interação fantástica, e se eu poderia usar aquela relação para ajudar as pessoas”, conta. Assim a pedagoga e o treinador de cães Antônio entraram em contato com a Escola Refazenda – uma instituição especial para crianças, jovens e adultos com deficiência física e mental - e ofereceram o

canil para que os alunos pudessem brincar com os animais. Aos poucos novos profissionais foram se juntando a dupla e dando corpo a organização.

Patas, formas, focinhos e cores

Assim como nas Atividades e Terapias Assistida por Animais, na Educação são os cães os principais co-terapeutas. “O cachorro interage de uma forma diferente, é o que mais responde e dá para a criança confiança. Ele responde a brincadeira dela, interage, ele participa da atividade ativamente. Então ele é um confessorário, porque a criança fala o que está sentindo, a criança brinca com ele, briga com ele, coloca para fora tudo o que está vivenciando e tem a certeza absoluta que ele não vai contar para a mãe, para a professora, nem para o diretor porque ele não fala”, comenta Marisa.

Quando iniciou o trabalho de EAA, Marisa era acompanhada por Nagoya, que muito ajudou nesta missão até partir deste mundo e dar lugar a suas sucessoras. Hoje, sua grande companheira é a labradora Tina, com quem desenvolve um trabalho de dedicação e esperança.

“Começa na parte de levar a criança para o relaxamento, para a calma, respirar junto com o cachorro, abraçar ele, sentir o cachorro. Então ele é o animal que eu mais me identifico, eu não me vejo trabalhando com outro animal na parte de educação. Eu posso levar para mostrar, para classificar os animais, para deixar a aula mais participativa, mas para interagir, para vivenciar, para que eles coloquem a parte afetiva e emocional, o cachorro me facilita muito mais que qualquer outro animal”.

Os benefícios obtidos nos mais de 20 anos desse trabalho podem ser afirmados frente a à constatação de que nunca uma criança teve uma convulsão, febre alta ou ataque na frente de um dos cachorros. Para Ma-

risa durante a participação dos animais a garotada consegue se estabilizar, se tranquilizam e alcançam o equilíbrio físico e emocional.

“Cada sessão é muito diferente da outra. Não fica uma aula muito direcionada. Como é uma coisa mais aberta, um ambiente descontraído, passa uma borboleta no meio da conversa e você já está trabalhando invertebrados. Começa a unir um monte de bolinhas você já começa a juntar unidades, dezenas, centenas. Joga a bolinha, o cachorro vai pegar, e na volta você pergunta ‘quantas bolinhas ele trouxe?’. Trouxe uma unidade, duas unidades, daqui a pouco você já está com dez. ‘Ah, então temos uma dezena!’. E aí você consegue fazer a matemática através da brincadeira, que é o que eles querem fazer, não ficam parados mais”.

Para trabalhar com EAA, o cão também precisa ser sociável e apresentar características como na AAA e na EAA, mas ele tem um contato maior com o material pedagógico, com cores, letras, com o material da escola do que qualquer outro. Por isso o trabalho do adestrador, além de fazer a parte sociável, de entrosamento com as crianças, ainda precisa incluir um treinamento com o animal voltado para a pessoa.

“O legal é que eu não trabalho só com o cachorro. Eu trabalhei 6 anos dentro de uma instituição, como voluntário, com uma equipe multidisciplinar, com crianças com várias deficiências e limitações. Depois eu fui para a APAE e tive mais dois anos de trabalho com Síndrome de Down. Eu sempre atuava com os professores, ou com os monitores, ou com os terapeutas. Então eu aprendi, nessa minha vivência um pouco de cada, com a fono, aprendi bastante com terapia, psicólogo e outros. São coisas que eu carrego comigo e que tento aplicar”, esclarece Antônio.

O trabalho sempre em conjunto da pedagoga e de Antônio – aliança que já comemora 19 anos desde a criação do canil - garante ainda mais eficiência nos resultados obtidos com as atividades nas escolas. Enquanto Marisa se atenta às crianças,

o treinador não desgruda os olhos do cachorro. Se a cena for inversa, os dois mantêm a mesma preocupação em deixar todos seguros e à vontade. Um verdadeiro trabalho em dupla, para levar a EAA a quem precisa.

“Nós fazemos atividades lúdicas, onde nós trabalhamos o raciocínio, a parte lógica, a coordenação motora, utilizando o cão e também usamos um pouco do cotidiano da criança para ensinar”, explica Antônio. Com o contato frequente do cão e a criança cria-se uma intimidade entre os dois e o animal passa a ser um confidente.

“Você percebe a entrega do cão e a entrega da criança, do seu eu mais profundo. E nessa interação é que você consegue fazer qualquer coisa, porque é muita pureza, você fica livre para qualquer tipo de aprendizagem porque você não está armado, nem com lápis, muito menos com lousa, cadeirinha e todo esse ambiente de escola”, esclarece Marisa.

Durante as atividades desenvolvidas, o cachorro fica sendo o foco da atenção para a criança, e é com essa motivação, aproveitando a catalisação que o animal tem, que ela irá expor o que está precisando dentro da sala de aula. Uma vez entendida a necessidade dessa criança, as ações serão voltadas para atendê-la, numa tentativa de ajudá-la.

Biblioteca ambulante

Em seu projeto de incentivo a leitura e escrita, “Cães & Livros - Os melhores amigos da criança” que desenvolve junto a Antônio, Marisa vem conseguindo resultados positivos quanto à evolução dos alunos, trabalhando com a intervenção de Tina.

“Você cresce, passeia por todos os personagens da literatura infantil e eles participam junto, ativamente. Eles pegam, levam livro para casa, devolvem na semana que vem, sabem que os livros são



da Tina, que ela é quem leva o baú para as outras salas, então traz e presta conta para a Tina que está devolvendo. Desse modo você vai criando o hábito de levar e trazer o livro, já é uma biblioteca ambulante. Os pequenininhos já começam a desenvolver esse senso de responsabilidade já na pré-escola, e a gente consegue formar depois alunos com mais integridade, participando, vivenciando aquilo. Isso é uma coisa fantástica”.

Enquanto Marisa lê as histórias para as crianças em suas visitas, a golden fica ao seu lado na roda. Prestando atenção na fala da dona, ela parece apreciar as palavras dos livros infantis coloridos e recheados de educação junto aos pequenos. E no fim abre-se um imenso mundo de imaginação e aprendizado às crianças e fecha-se mais uma página de trabalho da bibliotecária Tina.

5 • UMA PATA POR UM SORRISO



O portão se abre e um a um, e os cães são transportados para dentro do espaço. Logo na entrada, os cães já começam a se cumprimentar. A agitação é evidente e os voluntários tentam amenizar os pulos e puxões de seus animais segurando firme na guia. Com seus enfeites, perfumes, pelos limpos e focinhos amigáveis, eles chamam atenção pelas demonstrações de carinho e contentamento com o passeio. Cheiram tudo e todos, mas não perdem de vista seus donos.

De porte pequeno, médio ou grande; de raça ou sem raça definida, de pelos claros ou escuros, curtos ou longos, todos se misturam num verdadeiro encontro de cães – um paraíso para os amantes de animais. Só que eles não são simples cachorros; são animais que possuem uma missão mais do que especial: ajudar na melhora da saúde, da qualidade de vida, na educação e bem-estar de seres humanos. São cães co-terapeutas!

Mas hoje é dia de socialização, de reunir esses trabalhadores de quatro patas para promover a amizade entre eles, uma “folga” me-

recida. E junto deles estão os voluntários, pessoas que doam seu tempo e carinho para levar esses animais até o encontro daqueles que precisam.

Unidos, sem guias, nem preocupação com os problemas afora, cães e voluntários iniciam um encontro de harmonia. Aos poucos surgem as conversas, troca de informações, lembranças de histórias vividas, sorrisos e um sentimento agradável de bem-estar. O cenário é de uma grande família animal em comunhão.

Depois de correr, cheirar, pular, brincar e receber muito carinho, outra vez um a um dos animais começa a encarar o portão, mas, dessa vez, de saída. Longe deste espaço, a missão será outra, focada apenas nos pacientes, crianças, adultos e idosos. E, por isso, a socialização é tão importante para o psicológico desses animais.

“Um ser socializado, humano ou não vive mais tranquilo e confiante num grupo seja este um grupo conhecido ou não. Um cão co-terapeuta que já passou por diversas situações como som alto, cheiros diversos, ele não fica amedrontado quando se depara com sons e cheiros semelhantes. Já é conhecido. O objetivo principal da socialização no INATAA é o grupo de voluntários caninos e humanos poderem brincar, interagir e se tornarem cada vez mais íntimos”, esclarece a diretora de comportamento animal do INATTAA, Kátia Aiello.

Uma vez por mês, os cães co-terapeutas do INATAA e da ATEAC participam de uma socialização promovida por cada instituição, um momento para eles se conhecerem, brincar e fazerem amizades. Os voluntários que trabalham com esses animais também participam do passeio, e aproveitam para trocar informações, experiências e formar laços de afeto. Afinal, todos eles, cães e humanos, trabalham juntos para o bem estar de milhares de pacientes e por isso devem aprender a conviver em harmonia.

Segundo a atual presidente da ATEAC, Ylenise Maria Cavaglieri Marcolino, a socialização é importante para que os animais pos-

sam se conhecer e não se estranharem nas ocasiões de terapia.

O médico veterinário Fábio Nakabashi ressalta ainda que a socialização visa estimular os cães no convívio com outros cães e pessoas diferentes, fora do cotidiano. “O adestrador procura ensinar novos truques para que o trabalho se torne mais produtivo e interessante. Aproveitamos também para monitorarmos os cães na parte de saúde e comportamento”, explica.

Kátia explica que geralmente na primeira meia hora é pedido as pessoas para brincarem e tocarem nos cães dos outros voluntários. “Eles não podem brincar com seu próprio cão. Assim, o cão que sentirá desprotegido com a falta do seu dono receberá aconchego em outro humano e perceberá que todos os humanos são legais. Na segunda parte é algo mais dirigido como adestramento do fica, do senta e etc”, finaliza.

Unidas pelo bem!

Foi justamente em uma dessas reuniões de socialização que Fiona, uma jovem cachorrinha sem raça definida, deu início ao seu processo de aprendizado para se tornar um cão co-terapeuta pela INATAA.

Com apenas um ano, porte pequeno, pelos negros e olhos brilhantes, ela seguia curiosa os passos do proprietário Eduardo Fanti, enquanto observava os outros cães se socializando. Era o mês de agosto, e seu primeiro dia de contato com o grupo, por isso o momento era de novidades. O local, um verdadeiro refúgio para os animais em plena capital de São Paulo, era convidativo, mas com receio ela não se deslocava para muito longe de Eduardo. Aos poucos, incentivada pela própria personalidade amigável, Fiona já se encontrava em plena socialização.

A empolgação era evidente, tantos cães juntos em um mesmo espaço costuma gerar um grande alvoroço, mas nesse encontro os

personagens principais são tranquilos e sociáveis, e Fiona com seu jeitinho curioso estava se sentindo em casa. E para a Diretora de Comportamento Animal do INATAA, Katia Regina Aiello, o dia não podia ter sido melhor para a primeira visita dela. “Está um clima tão harmonioso aqui que nem precisamos organizar alguma atividade. Todos estão se dando muito bem”, declara a todos os presentes na socialização.

Ao lado de Fiona, a shitzu chamada de Alice também aproveitava a reunião. De lacinho verde na cabeça e muito charme, a pequena esbanjava carisma. Diferentemente da nova companheira, Alice já trabalha como co-terapeuta há 3 meses e parece fuxicar com Fiona sobre os outros cães. As duas não saem de perto de Eduardo, mas não se importam em receber carinho de outros voluntários.

As duas moram juntas há pouco tempo, e agora terão a mesma missão: utilizar sua empatia e olhares afetuosos para criar laços de amizade, características essas que já foram utilizadas por elas para conquistarem Eduardo e sua esposa Karina Simpliscio Vieira De Nobrega Fanti.

Alice foi a primeira a entrar para a família com 4 meses. “Foi um presente meu para o Eduardo”, conta Karina. Era o ano de 2008 e o técnico em eletrônica havia ido a um supermercado a pedido da esposa. Não demorou muito e o telefone de Karina tocou. Era Eduardo agitado. “Eu disse que ele só podia ter batido o carro, pelo jeito que estava falando”. Mas prontamente ele disse que não. Contou que havia passado em frente a um pet shop e avistado uma linda shitzu, que ela tinha ficado dando a patinha para ele, que estava chamando ele”. Na hora Karina pediu para que o marido fosse buscá-la para verem juntos a cachorrinha, mas como os dois haviam acabado de se casar, Eduardo resistiu e disse que não poderiam comprá-la pois estava muito cara.

“Só que quando o Eduardo chegou em casa ele ficava imitando ela” relembra. Tocada com o comportamento do companheiro, no



dia seguinte Karina foi até o pet shop e comprou Alice. “Dai eu liguei para ele e pedi que viesse buscar a nossa filhote”.

Foi aos 4 anos que a pequena conheceu o trabalho da INATAA, através de uma indicação. Seu jeitinho dócil, fofo e de fácil tratamento foram o que chamaram a atenção e possibilitaram sua entrada na equipe.

Na mesma época Karina passava por uma avenida do bairro Morumbi, em São Paulo quando avistou um cãozinho sem raça definida caminhando sozinho. Com pena e medo que algo de ruim pudesse acontecer como animal, a bióloga o chamou para perto. “Ela logo colou em mim. Dai eu disse ‘quer saber de uma coisa, vamos embora para casa’. Peguei ela, coloquei embaixo do braço e trouxe”.

Na primeira semana, enciumada, Alice não dava sossego para a nova moradora. Mas com o tempo acabaram se tornando grandes amigas. “Não é nem uma família, é gangue. Quando uma faz algo errado a outra ajuda. Elas se adoram”, explica Karina.

Quando perceberam que Fiona chegava a ser ainda mais doce que Alice, o casal também decidiu iniciar os processos para avaliação dela na INATAA. Hoje, as duas cães co-terapeutas se unem a Karina e Eduardo para juntos, visitarem a Sociedade Beneficente “A Mão Branca” de Amparo aos Idosos, em São Paulo.

Uma compra inesperada

Os cães co-terapeutas não necessitam ser adestrados, saberem fazer diversos truques, ou ter raça reconhecida. Como Fiona, as principais características estão no comportamento do animal. Alguns são mais agitados e brincalhões, outros são mais calmos e preguiçosos. Eles podem ter sido abandonados quando ainda filhotes, terem nascido com deficiências físicas ou crescido em meio a luxo e fartura. O importante mesmo, quando chega a hora de colocar a bandana no pescoço e praticar a terapia, é que todos eles



saibam doar e receber afeto. Tarefa essa que o pug Yoda realiza de maneira mais que especial.

“Eu acho que ele nasceu para isso. Ele veio para esse mundo para isso.”, conta a jornalista Raquel Cristina de Moura ao descrever o trabalho de seu cão na ATEAC. Há dois anos ele vem alegrando as crianças da pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp com o seu jeitinho diferente de ser. Além das características exóticas da raça, o pug de três anos manca da perna esquerda e também não enxerga do olhinho do mesmo lado.

“Quando eu comprei ele não sabia que ele tinha nenhum desses problemas. Eu comprei porque eu queria um pug, eu era louca por pug. Achei ele na Internet, só que quando eu fui buscar ele eu não conhecia São Paulo e então eu combinei de pegá-lo em um shopping. Quando cheguei lá a mulher me falou que eu não poderia

colocar ele no chão porque ele não tinha tomado as três vacinas. Então eu o peguei, olhei, me apaixonei e trouxe para Campinas. Quando cheguei aqui, que coloquei ele no chão eu percebi que ele não andava direito. Ela me enganou”, relembra Raquel.

Ela ainda percebeu que um dos olhinhos de Yoda era menor que o outro, mas achou que era um diferencial da raça. Ao procurar um médico veterinário, descobriu que o cãozinho tinha displasia de cotovelo nas duas patas da frente e que era cego de uma das vistas.

“Quando eu peguei ele era para ele ter 30 dias, só que ele é anão. Ela me enganou nisso também. Quando eu recebi o Pedigree dele, três meses depois que ele estava comigo, eu fiquei sabendo que ele tinha 5 meses quando eu peguei ele. Ela me enganou em tudo”, conta Raquel.

Ao procurar a mulher que lhe vendeu o animal a resposta foi espantosa. “E eu liguei para ela para falar que ele tinha problema, que ela precisava fazer alguma coisa, e ela meio que me disse que eu teria que sacrificar ele, e que se eu o devolvesse ela teria que fazer isso. Não foram com essas palavras, mas eu entendi o recado. Ela disse que ele não serviria para procriar, que ela não teria o que fazer com ele. Dai falei que ficava com ele, que iria cuidar dele”.

Diferentemente da vendedora, Raquel acreditou na importância da vida de Yoda e lhe deu uma chance de demonstrar seu potencial de amor e doação. Para tentar ajudá-lo, ela procurou auxílio em Campinas, mas a cirurgia era complicada e por isso não tinha ninguém para operá-lo na cidade. Mas em sua busca ela teve a sorte de encontrar o médico veterinário Dr. Erik Van Leeuwen, que apontou um caminho para que o animal pudesse receber ajuda: a UNESP de Botucatu. “Então eu e meu marido levamos ele para lá e a veterinária Sheila Canevese Rahal o avaliou. Ele teria que operar uma pata por vez”.

A primeira cirurgia correu bem e foi colocado pino na pata direita do animal. Mas na segunda intervenção cirúrgica, quando o pino seria retirado, Yoda sofreu uma parada cardíaca. Por causa da reação a

anestesia, o cãozinho não pode realizar o mesmo procedimento na pata esquerda e por isso ainda manca deste lado. Seu olhinho nunca se desenvolveu, nasceu atrofiado, e por isso não teria como ele passar a enxergar. Restava a ele ser um pug mais que especial.

Foi o amor de Raquel pelos animais que a levou a descobrir o trabalho da ATEAC. Vinda de São Carlos, onde já realizava trabalhos voluntários, certo dia ela foi participar de uma feira de animais, onde o grupo campineiro estava presente. “Eu logo me interessei em fazer o trabalho voluntário, não necessariamente com o cachorro. Mas depois que eu peguei o Yoda eu pensei ‘pronto, uni as duas coisas’”.

No início a jornalista ia sempre com o animal nas visitas. Mas quando passou a trabalhar também aos sábados em seu emprego formal, teve que deixar de acompanhar Yoda. “Eu sempre peço para que alguém leve ele. Por que quando ele não vai ele fica triste, chora, fica no meu pé, ele sabe que é sábado, dia de ir para o hospital. Ele tem a bolsinha dele com as coisas que ele leva, daí ele chega perto dela e começa a chorar”, explica.

Nas técnicas mediadas por animais, não é preciso ser o proprietário de um deles para realizar o trabalho. Os voluntários podem trabalhar com outros cães, e vice e versa. “A importância do voluntário com o cão é o atendido. O cachorro pode ser afastado, mas o voluntário tem a opção de pegar outro cão. Não é preciso que ele se desligue da Ong por isso.”, esclarece Andrea Carciofi.

Raquel afirma que mesmo sem a presença dela, Yoda adora trabalhar. “Outro dia eu fui sair para trabalhar e peguei os meus óculos de sol. Quando eu fiz isso ele começou a chorar e pular em mim. Daí eu olhei para o meu marido e perguntei o que aconteceu. Ele falou: ‘Raquel, que cor é a capinha dos seus óculos? É exatamente da cor da bandana. Ele achou que era a bandana e que eu ia colocar nele, e que ele iria trabalhar’”, diz risonha. A jornalista conta ainda que se ele fica sem trabalhar por muito tempo ele começa a ficar doente.

Apesar de seus problemas físicos, Yoda ainda sofre com desmaios. Sua traqueia costuma fechar, ele para de respirar e desaba. “Ele exige todo um cuidado especial. Se a gente sai e fica muito tempo fora de casa a primeira coisa que temos que fazer ao chegar é pegar ele no colo, dar atenção a ele. Se eu não fizer isso ele já fica estressado e desmaia”, diz Raquel.

As diferenças do pug chamam ainda mais a atenção das crianças, que encantadas enchem os voluntários de perguntas.

“Teve um dia no hospital que um menininho que tinha feito uma cirurgia, de algum problema relacionado à bexiga. Ele precisava levantar e andar, mas não conseguia porque sentia dor. Dai quando chegamos lá com o Yoda ele se animou todo, ficava imitando o Yoda com a língua para fora, e ai conseguimos convencê-lo e ele saiu com o cão para passear. Quando ele levantou da cama juntou todas as enfermeiras em volta, ninguém acreditava. Ele ia puxando com a mãozinha na barriga, com dor, mas indo porque ele queria levar o cachorro para passear. Foi a cena mais linda que eu vi”, relembra emocionada Raquel.

Ainda com lágrima nos olhos, ela não esconde a alegria de ter um animal de estimação fantástico. “Ele foi um presente que Deus mandou para mim. Não podia ser outro, tinha que ser ele. Ele mudou nossa vida. Eu fico muito sozinha, meu marido trabalha a noite, então ele é meu companheiro. Dai quando eu vou trabalhar ele fica com o meu marido. Não seria a mesma coisa sem ele. Quando eu fico doente ele não sai do meu pé. Ele sabe quando estou triste, se eu não estou bem, ele sente tudo. Nós falamos que ele não acha que ele é gente, ele tem certeza”, completa.

Derramando Mel

Como as técnicas mediadas por animais não são tão populares no Brasil, muitos voluntários e seus cães acabam descobrindo esses trabalhos em eventos ou ações dos grupos que as praticam.



Esse foi o caso do engenheiro eletrônico, Eduardo Lima e sua labradora Mel.

Era mais uma manhã de domingo na cidade de Campinas. Eduardo e sua amiga inseparável caminhavam pela Lagoa do Taquaral, como de costume, quando se depararam com um grupo diferente oferecendo panfletos. “Me chamou a atenção a reunião de cães que estava acontecendo ali”. Ao se aproximar, Eduardo descobriu um trabalho que se encaixava perfeitamente com o comportamento manso de sua cachorra e com seu interesse pelo voluntariado. “Eu já fiz trabalho voluntário antes, mas não com cachorro. Agora uni o útil ao agradável”.

Seis meses depois Mel já estava iniciando os processos de avaliação para se tornar um cão co-terapeuta. Desde a primeira visita ao Hospital de Clínicas da Unicamp, a tranquilidade foi seu ponto forte, ajudando a transmitir calma e carinho para as pessoas a sua volta.

Ao caminhar pelo hospital seu porte grande chama a atenção das crianças, que ao perceberem seu jeitinho meigo se aproximam sem medo. Enquanto recebe uma carícia parece sorrir, fechando os olhos bem devagar. Eduardo acompanha cada movimento de sua companheira, e a retribui com uma frase de elogio a cada comportamento amigável. “A função principal dela é desviar o foco do paciente, trazer um pouco de alegria”, explica Eduardo.

As visitas ocorrem todos os sábados à tarde, e já se transformaram em uma missão do bem para a dupla. Além de manter em dia os exames clínicos que atestam o bom estado de saúde da Mel, Eduardo também precisa deixá-la limpa e longe de bactérias para entrar no ambiente hospitalar. Por isso no dia de visita, a cachorra toma um banho caprichado antes de ir ao hospital. O passeio acaba então por originar nos cães co-terapeutas lindos enfeites, como lacinhos, que também ajudam na interação com as crianças. Mas o que não pode faltar mesmo nesses cachorros especiais é a bandana, um verdadeiro uniforme que ajuda a distingui-los nos locais de atendimento.

Mas os cuidados não param por aqui. Dentro do hospital mais uma parada para a última higienização antes do primeiro contato com um paciente. Mel é tão dócil que permanece deitada enquanto seu dono limpa suas patas, pelos e focinho.

Só depois de examinada, lavada, escovada e higienizada é que a labradora, hoje com 9 anos pode seguir feliz para o pátio da Unicamp e compartilhar seu carinho com outras pessoas. “É pequeno nosso trabalho, mas cria um resultado muito grande do lado de lá”, ressalta Eduardo.

Da chuva à cesta de brinquedos

Mas não basta apenas se interessar pelo trabalho de voluntariado para ingressar seu cachorro na equipe, é preciso antes passar por avaliações onde as características dos animais é que



definirão se eles se enquadram ou não com o trabalho de AAA, TAA ou EAA.

“A característica principal é a ausência de agressividade e gostar de humanos mais do que outros cães, brincadeiras ou petiscos. O cão que trabalha com a TAA precisa de um nível de adestramento maior que o básico e comportamento ainda mais comedido, menos impulsivo”, explica Fabio.

Durante as avaliações de comportamento são testadas nos animais situações que eles poderão encontrar em hospitais, centros de reabilitação, unidades de saúde, instituições asilares, abrigos e escolas, como: um abraço apertado de uma criança, barulho de uma muleta caindo das mãos de um idoso, choro de um bebê, uma possível puxada inesperada de seu pelo ou a tentação em brincar com os fios dos aparelhos em um hospital. As cenas fazem parte da realidade do trabalho de um cão co-terapeuta, e não devem distrair ou gerar estresse no animal, caso contrário ele poderá responder a situação de maneira agressiva e causar uma confusão ou preju-

dicar algum paciente. Por isso verificar o comportamento do cão é tão essencial para garantir a segurança dos assistidos e da equipe.

Outros testes pelos quais os cães passam é a avaliação clínica (exame clínico completo) e a avaliação laboratorial (hemograma e coproparasitológico), para afirmar que a saúde deles está normalizada, minimizando qualquer risco para os pacientes.

As tantas avaliações não foram um empecilho para Zizi. Quando se fala em doçura, a cachorrinha sem raça definida é uma especialista. Adotada pela administradora Luiza Hollenstein, a cachorrinha co-terapeuta do INATAA é um exemplo de animal dócil e meigo. No colo dos idosos ela parece relaxar profundamente e quase dorme enquanto é acariciada. “Então eu coloco uma escovinha na mão do idoso, para ele escovar o cachorro. Também tenho uma bolsinha de laços, para eles colocarem nela”, conta Luiza.

Já com as crianças, Zizi vira uma grande atração e mais uma vez demonstra toda a sua empatia, motivando os pequenos a soltarem a imaginação. “Ela se deixa manusear, as crianças gostam de brincar de fazer cirurgia nos cachorros, gostam de colocar máscara de inalação neles, gostam de enrolar a pata, fazer curativos, então ela fica paradinha e aceita bem”, afirma Luiza.

A cachorrinha trabalha desde junho deste ano, mas já parece ter nascido para a profissão. “A Zizi já veio pronta!” diz orgulhosa a dona. Apesar de ter conhecido a tristeza das ruas de São Paulo quando ainda filhote, ela não perdeu sua candura e hoje faz de sua existência uma presença ilustre no Lar Padre Vicente de Melillo e no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia.

Zizi foi encontrada numa manhã de chuva, por uma das protetoras do projeto Anjinhos de Quatro Patas que estava indo trabalhar. Chovia muito e o animal estava em um cantinho da calçada se abrigando, tremendo, assustado. Logo a protetora a colocou no carro, e para sua surpresa, a cachorrinha não ofereceu resistência e seguiu tranquila para o abrigo.

No local o projeto recolhe e cuida de animais abandonados, e posteriormente buscam um lar para eles. E foi através de uma foto, que as protetoras colocaram de Zizi no Facebook, que Luiza a viu pela primeira vez. “Eu estava com um projeto de vida de conseguir trabalhar com um cão co-terapeuta, então eu fui até o abrigo. Eles me mostraram três cães, mas eu me identifiquei muito com a Zizi. Foi amor a primeira vista mesmo”, relembra Luiza.

Logo que o animal chegou à casa de Luiza, já ficou muito a vontade, o que aumentou a desconfiança de todos de que ele poderia ter tido um lar onde era bem cuidado, e que poderia ter escapado, pois ele não estava mal cuidado, nem apresentava ferimentos. Estava com um peso bom e tinha os pelos bem cuidados. Mas como a tentativa do projeto em achar o responsável por Zizi não havia tido respostas positivas, ela passou a ser o novo membro da família Hollenstein.

“Assim que ela chegou em casa foi muito interessante. Eu também tenho outra vira-lata de 12 anos, a Puppy e ela tem uma cesta de brinquedos. A Zizi começou a pegar todos os brinquedos e levar para a varanda do meu quarto. Então ela fez aquele o lugarzinho dela, ela que escolheu. Ela era um cachorro que já conhecia o ‘brincar’”, relembra Luiza.

Apostando que a pequena seria uma boa cachorra para terapias, dias depois Luiza entrou em contato com a INATAA e contou sobre sua adoção e desejo em ser uma voluntária, pedindo para que Zizi fosse avaliada pela equipe. Luiza participou então das palestras exigidas pela instituição e seu animal de estimação passou por exames, vacinas e testes. “Ela foi aprovada logo na primeira vez”, conta orgulhosa.

Obediente e muito quieta, Zizi demonstra grande alegria em trabalhar, demonstrando em pequenos gestos a satisfação em receber e doar carinho. “Quando eu pego a mochila e coloco a bandana ela já sabe que vai trabalhar, então ela já fica mais calma”, conta Luiza.

Realizar as visitas para essa dupla é uma opção de vida que, além de fazer bem para quem a recebe, também se torna uma rotina de benefícios para ela. “É uma realização de atividade voluntária minha, que eu tenho muito prazer, que me acalma muito, me tranquiliza muito, e eu acho que faz bem para a Zizi”, finaliza Luiza.

6 • UM FERIADO DO CÃO

Como a prática da Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais acontecem por meio do trabalho de grupos independentes espalhados pelo Brasil, buscando reuni-los para compartilhar e ampliar pesquisas, foi realizado entre os dias 6 e 9 de setembro de 2012, o I Simpósio Internacional de Atividades, Terapia e Educação Assistida por Animais (SINTAA).

O evento, ao todo, contou com 170 participantes, sendo 140 pagantes, 30 palestrantes, membros do Comitê Organizador e Científico e alguns poucos convidados especiais. Para anúncio durante o Simpósio, foi realizada uma pesquisa inicial com 149 inscritos, onde ficou constatado que 57% eram do Estado de São Paulo, 9% do Rio Grande do Sul, 8% do Rio de Janeiro e apenas 7% de Santa Catarina. No entanto, não podemos enxergar esses números como concretos nos cálculos das equipes no país, uma vez que nem todos os profissionais que trabalham com o tema estavam presentes no evento, como é o caso da Prof^a Dra. Maria de Fátima.

O SINTAA teve como tema as perspectivas do uso de animais como facilitadores na prevenção e tratamento integrado de doenças e inclusão social. As pesquisas apresentadas foram principalmente sobre cães e cavalos.

A reunião foi organizada então de palestras, mesas-redondas, relatos de experiências e/ou pôsteres englobando os temas: a Legislação e políticas públicas na relação homem-animal; a medicina veterinária; o comportamento animal; a AAA/TAA e EAA; metodologias e o estágio atual, dificuldades e desafios na pesquisa em TAA/AAA e EAA no país.

O Comitê Organizador recebeu 77 trabalhos sobre as técnicas mediadas por animais e medicina veterinária, sendo que todos os trabalhos foram por ele aprovados. Entretanto, por limitações de tempo disponível para as apresentações orais, apenas 20 trabalhos



foram selecionados para apresentação oral. Os demais, 57 trabalhos, foram selecionados para apresentação como pôsteres, sendo que 2 desses trabalhos foram eliminados por falta de confirmação da inscrição dos autores apresentadores.

E o feriado tem início....

Era o primeiro dia de um feriado prolongado na capital de São Paulo. Para fugir da cidade que não pára e aproveitar as atrações do interior e litoral, os paulistanos enfrentavam horas de trânsito intenso nas estradas.

O dia começara com uma pequena neblina e um ventinho um tanto incômodo, o que não foi suficiente para afastar profissionais, pesquisadores, estudantes da área da saúde, medicina veterinária, biologia e educação, bem como simpatizantes dos animais, que ao contrário daqueles que buscavam por descanso, cursavam o caminho contrário do grande fluxo e seguiam para a agora quase deserta Cidade Universitária da USP - Universidade de São Paulo.



Enquanto os carros formavam uma teia sem fim lá fora, na entrada do instituto de Psicologia o som mais atrativo era o quase silêncio do ambiente. Conforme os participantes iam chegando, as rodas de conversas surgiam discretas. Enquanto uns se cumprimentavam, outros se observavam com certa curiosidade. Tinham aqueles que haviam ido à capital em dupla ou grupo, também profissionais que buscavam sozinhos por informação, uns com muita experiência no assunto, outros que há pouco tempo haviam iniciado seus trabalhos na área, e claro, também os que se propuseram a trabalhar para assegurar o evento. Contudo, todos estavam ali promovendo mais uma discussão sobre as técnicas mediadas por animais.

Apesar de serem os principais personagens da reunião, os bichos não se encontravam nesse cenário. Era hora de apresentar trabalhos.

O primeiro dia...

Depois de realizados os trâmites da organização e as saudações, todos se dirigiram para a grande sala – o Auditório Carolina Bori.

Nem a falta de energia que cometeu a Universidade naquele 07 de setembro impediu o início das apresentações. Dava-se assim aberto o I Simpósio Internacional de Atividades, Terapia e Educação Assistida por Animais.

A sala estava quase toda ocupada, com exceção de algumas cadeiras ao fundo, que deixavam a mostra o vermelho intenso de seus forros. Um a um, os palestrantes iam relatando suas experiências, transferindo informações científicas e divulgando dados e pesquisas.

As comprovações da empatia entre cão e humano, as causas e consequências do stress no animal de TAA, os desafios e a realidade dos cães em hospitais foram temas abordados ainda pela manhã.

Após o almoço os cachorros estiveram em evidências, com apresentações sobre o processo e avaliação dos cães co-terapeutas; as diferenças na seleção e treinamento de cães para Atividade, Educação e Terapias Assistidas por Cães; avaliação fisiológica e hormonal de cães utilizados em Terapia Assistida por Animais; a relação homem-animal como recurso terapêutico ocupacional; efeitos no bem-estar e qualidade de vida da interação de idosos institucionalizados com cães de terapia; efeitos sobre o nível de estresse, agressividade e qualidade de vida da interação de indivíduos institucionalizados com distúrbios e/ou neurológicos com cães de terapia; respostas comportamentais e fisiológicas de duas crianças com multideficiência a um cão de terapia; Terapia Assistida por Animais em pacientes com acidente vascular encefálico (AVE); a contribuição da TAA interdisciplinar no processo de evolução do desenvolvimento em adultos com deficiência intelectual grave; e a utilização do cão em intervenção psicopedagógica com idosos.

Na hora do cafezinho e do almoço, os visitantes ainda contavam com pôsteres ilustrativos espalhados na entrada do prédio, que

traziam a tona histórias de trabalho das entidades espalhadas pelo Brasil. Relatos que, por falta de tempo, não conseguiriam ser expostos aos participantes.

E assim, o tempo correu ligeiro, e o evento foi encerrado em seu primeiro dia.

O segundo dia...

Na data seguinte, fazia um sábado de muito calor na capital paulista. Mais uma vez as falas iniciaram logo cedo e reuniram dezenas de pessoas. Desta vez, um lindo cão guia roubou a cena por alguns segundos ao entrar no auditório acompanhando seu jovem dono, logo na primeira parte das explicações. Mesmo que a vontade de todos os presentes naquele momento era a de acariciá-lo, ninguém o retirou de seu foco. Eis que ali estava outro animal em trabalho pelo ser humano. Mas diferentemente dos cães terapeutas, a eficiência dos cães guias é reconhecida pela sociedade e governo, e por isso eles são legalizados no país. Patamar que alcançaram também com dificuldades, e que por isso foram relatadas e compartilhadas com os presentes ao Simpósio.

Ao longo da tarde as perguntas se tornavam mais frequentes e a troca de experiências, ainda que básicas sobre o assunto geravam algumas discussões. A troca de orientações acontecia entre pessoas de idades, cidades, projetos e crenças diferentes.

Vinda dos Estados Unidos, a PhD Nancy Edwards falou sobre a interação homem-animal no tratamento de pacientes com Alzheimer. A única pesquisa com peixes, apresentada durante o evento.

Com muita simpatia e bom humor, a Coordenadora Geral do Projeto Pêlo Próximo, entidade do Rio de Janeiro, Roberta Araújo chamou a atenção dos presentes para os aspectos éticos no uso de animais em AAA. E assistindo a ela, meio que camuflada pelas cadeiras, a médica veterinária e psicóloga,

mestre e doutora em psicologia, Hannelore Fuchs – que em 1985 já trabalhava com a ideia de inserir animais em tratamentos de saúde humana - acompanhava discretamente o andamento de mais um evento. Apesar da sua importância para todo o tema ali apresentado, em momento algum lhe foi dada a palavra.

Sua presença evidenciava a interligação de gerações distintas ali existentes, ambas com sua parcela de responsabilidade por essa reunião. Quando começou a trabalhar com a intervenção de animais, alguns dos ali presentes na palestra nem sequer conheciam o tema. Entretanto, é possível agora observar que os benefícios de seus trabalhos ganharam força nas mãos de alguns de seus sucessores.

O segundo dia de Simpósio ainda abordou temas sobre a equoterapia. Foram explanados relatos sobre os animais como fator de inclusão social; a Terapia Assistida por Animais para pessoas com autismo; a interação entre cães e crianças autistas; a atuação do médico veterinário em um centro de equoterapia; os efeitos da equoterapia para crianças com paralisia cerebral; avaliação da variabilidade da frequência cardíaca e pressão arterial em um paciente de Síndrome de Williams-Beuren durante o atendimento de equoterapia; o atendimento precoce em equoterapia e suas contribuições para a inclusão social de crianças com encefalopatia crônica da infância; a Instituição Pública de Ensino Superior como agente de inclusão social através da equoterapia; a Atividade Assistida por Animal em Sala de Apoio e Atendimento à Inclusão; os cães de rua adotados a serviço da alfabetização de jovens e adultos na periferia da cidade de São Paulo; e o relato da experiência da TAA no Centro de Referência DST/AIDS.

Após o fim de mais um dia de evento, a expectativa pela última reunião aumentava. O objetivo principal do Simpósio se aproximava.

O começo de uma nova fase?

Era 09 de setembro de 2012. O auditório nesta data já não se vestia de um grande manto ornamentado pelas pessoas, mas os que ali permaneciam na ânsia por resoluções ou por curiosidade sobre a ação, estavam presenciando o nascimento de uma nova ação envolvendo os animais.

Apesar de já implantados, os métodos que utilizam a interação do homem com os animais como tratamento complementar de saúde são praticados por grupos distintos, espalhados pelo país, sem uma estrutura de regras padronizadas nacionalmente, como este livro abordou no primeiro capítulo.

Um dos problemas dessa falta de orientação é encontrado na forma de documentação dos resultados das Terapias Assistidas por Animais. As pesquisas, necessárias para a comprovação dos benefícios da técnica, nem sempre são realizadas de forma adequada e de modo que possam constar como evidências da eficácia da TAA. Desta forma, o assunto ganhou importância no evento e gerou uma palestra exclusiva sobre método de pesquisa, ministrada por Carla Valéria M. Rodrigues – Fisioterapeuta, doutora e Pós-doutora em avaliação de tecnologias em saúde, COPPE/UFRJ, pós-doutora em Economia da Saúde, Universidade de Calgary, Canadá.

Por fim, a discussão primordial do evento: a criação da Rede Nacional de AAA, TAA e EAA (REATAA). Apesar da diminuição evidente do número de pessoas no auditório, foi considerada importante pelos ali presentes a abertura da Rede, e gerados ainda no mesmo dia a estrutura e outros dados referentes a essa nova ferramenta.

Um dos objetivos da REATAA consiste em integrar os diversos atores atuantes em AAA, TAA e EAA no Brasil, de forma a unir esforços em busca do reconhecimento dos inúmeros benefícios ao ser humano da interação homem-animal, bem como disseminar o uso dessas técnicas como um recurso terapêutico e pedagógico.

Se a REATAA realmente conseguirá modificar o panorama atual das técnicas no Brasil ainda não se sabe, pois é um trabalho que se inicia agora. Mas se seus organizadores souberem utilizar como ferramentas o respeito, a humildade, a troca de experiências, a responsabilidade e o amor, certamente terão êxito nessa missão animal. Resta esperar!

SITES SUGERIDOS

- *www.ateac.org.br*
- *www.inataa.org.br*
- *www.anjinhosde4patas.com.br*
- *www.caesassistentes.com.br*



Este livro-reportagem é uma obra elaborada para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação de Jornalismo, da Faculdade Prudente de Moraes, e aborda os temas Atividades Assistidas por Animais (TAA), Terapias Assistidas por Animais (TAA) e Educação Assistida por Animais (EAA).